

## HISTÓRIA, LITERATURA E REPRESENTAÇÕES NO “ROMANCE DE AÇÚCAR” DE JOSÉ LINS DO REGO

*Maria Thaíze dos Ramos Lira<sup>1</sup>*

*Orientador: Francisco Firmino Sales Neto<sup>2</sup>*

### RESUMO

O romance de 1930 torna-se emblemático por enfatizar a realidade nordestina, no qual vários intelectuais vão narrar situações de seu cotidiano, atendo-se a elementos característicos da sua região. Dentre os romancistas deste período, José Lins do Rego (1901-1957) destacou-se por retratar aspectos da sociedade açucareira nordestina, em particular a decadência dos engenhos e a ascensão da usina. A presente pesquisa tem por objetivo problematizar o romance de José Lins do Rego, publicado na década de 1930, na expectativa de perceber na obra *Menino de Engenho*, obra que compõem o “Ciclo da cana-de-açúcar”, característico por narrar eventos memorialísticos, as representações de Nordeste. Fundamentando teoricamente, faremos uso do conceito de representação proposto por Roger Chartier.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance de 1930. José Lins do Rego. Representação.

O objetivo deste trabalho é compreender como o romancista paraibano José Lins do Rego (1901-1957) representou o Nordeste em suas obras, particularmente no romance *Menino de Engenho* (1932), analisando o caráter narrativo, memorialista e regionalista de seus escritos.

O interesse por discutir a relação entre história e literatura surgiu no decorrer da graduação por conta de inquietações provocadas a partir das disciplinas, provocando-me a levar esta discussão para o trabalho de conclusão de curso. Vários literários me vinham à mente, notadamente aqueles voltados para o chamado regionalismo literário. Neste sentido, já conhecia alguns romances de José Lins do Rego e foi então que decidi pesquisar alguns aspectos de sua produção.

Sendo assim, com o desejo de contribuir para o debate atualmente travado no campo da história a respeito das suas interfaces com a literatura, este trabalho consiste num exercício de problematização e utilização da literatura como fonte histórica. Particularmente, esta pesquisa problematiza os escritos de Lins do Rego, atentando para o fato de que se apresentam como produtos sociais, historicamente localizados, que representam importantes testemunhos da sociedade em que se situam e que se

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós- Graduação em História: História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: thaize\_ramosjp@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor Adjunto na Universidade Federal de Campina Grande (Centro de Formação de Professores, Cajazeiras - Paraíba). Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). E-mail: nassausiegen@yahoo.com.br.

relacionam com o mundo intelectual de seu tempo, no caso os romancistas de 1930.

A escrita da história, assim como a de um texto em moldes literários, passa pela tessitura de um fio que deve unir os acontecimentos, até mesmo aqueles que num primeiro momento parecem distantes, a fim de lhes conferir uma significação. No debate entre história e literatura, as narrativas ditas ficcionais possuem a vida como referência. Por isso, ao construírem, tecerem e elaborarem novas versões sobre o real, apresentam possibilidades de leitura dos mais variados aspectos referentes a uma determinada época. Sobre isso, assim expressou Pesavento:

O mundo da ficção literária – este mundo verdadeiro das coisas de mentira – dá acesso para nós historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais em buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam (PESAVENTO, 2006, p. 6).

Dessa maneira, as aproximações e distanciamentos entre História e Literatura não podem restringir-se apenas ao debate entre realidade versus ficção ou em outros termos ciência versus arte. É conveniente também pensar as possíveis formas de apreensão da realidade que são constituídas, levando-se em conta as possíveis diferenças entre ambas e delimitando os saberes que são produzidos.

No âmago das produções que visam apresentar relações entre a História e a Literatura, Albuquerque Júnior (2007) vai estabelecer discussões acerca da relação entre História e Literatura, a partir da possibilidade de se pensar uma articulação entre ambas. Desta forma não se propõem fazer uma distinção entre História e Literatura, pois,

Talvez a diferença entre a História e a Literatura seja mesmo uma questão de gênero. Não apenas de gênero discursivo, pois pertencem as ordens diversas do discurso, seguem regras e formas diferenciadas; mas o gênero no sentido de que o discurso historiográfico pertenceria ao que na cultura ocidental moderna se define como sendo o masculino, enquanto a Literatura estaria colocada ao lado do que se define como sendo o feminino (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 49).

O interesse dos historiadores por traços do cotidiano e pelos imaginários sociais coloca em questão o estatuto teórico da disciplina História. Burke (2013, p. 3) atenta que foi o “desejo de uma história com uma face humana, em reação contra a macro-história, a história quantitativa e o determinismo, que atirou os historiadores nos braços

dos romancistas”. É possível considerar a Literatura e a História como versões possíveis da recriação do “real”. Sendo assim, podemos pensar a Literatura como um “mundo reconstruído” pelas palavras e representações que o autor faz a partir da sua “operação literária” historicamente situada.

Com efeito, é no interior desse debate que se inscreve este trabalho, cujo objetivo central é analisar a escrita de José Lins do Rego em uma interface que aproxima a História e a Literatura no Brasil, em inícios do século XX.

O Brasil vivenciou na década de 1920 duas importantes manifestações literárias que tem sido preocupações constantes dos historiadores: o modernismo e o regionalismo. O José Lins do Rego, objeto de minhas preocupações acadêmicas, adotou as propostas do regionalismo, enfatizando os aspectos memorialísticos do período no qual passou no engenho do seu avô. O que deu notoriedade para que seus escritos tenham como cenário a decadência da sociedade açucareira.

Para dar suporte bibliográfico ao entendimento da vida desse sujeito e da sociedade em que viveu, utilizaremos, dentre outros, os seguintes autores: Castello (1961), quando apresenta a trajetória intelectual de José Lins do Rego; Oliveira (1997), ao tratar da construção da ideia de decadência do patriarcado rural nas primeiras décadas da República; Albuquerque Junior (2006), tratando da institucionalização da ideia de invenção do Nordeste; Arrais (2006), quando propõe a leitura do Recife como uma “capital da saudade”.

A produção literária de José Lins do Rego foi dividida por ele e pela crítica literária em ciclos. Inicialmente, tivemos os romances do “Ciclo da cana-de-açúcar” que é composto pelos livros que retratam a rememoração de sua juventude nos engenhos nordestinos. Temos como obras *Menino de Engenho* (1932); *Doidinho* (1933); *Banguê* (1934); *O Moleque Ricardo* (1935); *Usina* (1936). Em seguida, tivemos o “Ciclo do cangaço, misticismo e seca”, característico por narrar aspectos de um outro Nordeste, aquele da caatinga, com seus heróis e santos fora da lei. As obras que compõem este ciclo são: *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953). Por fim, tivemos o ciclo das “Obras independentes” que apresentam temas diferentes, com lutas prioritárias, lirismo erótico e memorialismo. As obras são: *O Moleque Ricardo* (1934); *Pureza* (1937); *Riacho Doce* (1939); *Água Mãe* (1941); *Eurídice* (1947) e *Meus Verdes Anos* (1956).

Desta forma, iremos nos deter ao “Ciclo da cana-de-açúcar”, particularmente, *Menino de Engenho* (1932), por apresentar como se deu, no Nordeste açucareiro, a decadência do engenho, seria a representação literária da percepção daquele “menino de

engenho” que vivenciou essa mudança social no tempo. Não se trata de apresentar um Nordeste “perdido”, mas de atribuir sentidos à região e à tradição gerada no interior dos engenhos de cana-de-açúcar. Portanto, busco perceber como José Lins (re)apresenta o Nordeste; como ele, enquanto romancista, se vê participando de um sentimento de perda das referências espaciais e, com isso, passa a escrever sobre a saudade de um Nordeste interiorizado e remetido a sua infância e adolescência nos engenhos.

Situamos esta pesquisa no campo da História Cultural, em especial, nas articulações entre práticas e representações. A representação assume um dos papéis essenciais da história cultural, na qual “tem como objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Isso significa dizer que nosso aporte teórico baseia-se nas discussões de Roger Chartier (1990 e 2002) acerca da representação. Importante destacar que Chartier confere à representação do mundo social um “diagnóstico fundado na razão, [e que] são sempre determinados pelos interesses dos grupos que os forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Vemos que a representação não é um elemento neutro, sem intenções, mas que busca apresentar a percepção de mundo em um determinado grupo, que elabora as suas estratégias e que impõe sua autoridade. Assim, o ato de representar passa pela ideia de “descrever a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que ela fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19).

Pensando o conceito de representação neste trabalho, entendemos que José Lins do Rego apresenta a sua ideia de Nordeste como reação às mudanças que poderiam afetar o seu espaço de conforto. Um descendente do patriarcado açucareiro que resolveu narrar acontecimentos importantes da sua juventude, mas que não deixa de demonstrar a sua saudade, a sua memória e o seu interesse para que aquele mundo não se perca, que as tradições não sejam esquecidas. A representação de uma saudade.

Mas como se deve trabalhar a literatura na pesquisa histórica? De acordo com Ferreira (2009), cabe ao historiador refletir sobre o que é literatura; estar atento às várias formas literárias no decorrer do tempo e às circunstâncias em que foram construídas e perpetuadas; não estabelecer valores de juízo estético, pois não lhe cabe eleger entre os clássicos, populares ou malditos; cabe questionar o público a que o texto literário se destina e o papel que desempenha nas condições culturais e sociais de sua época.

Recomenda, ainda, que não se deva ficar preso unicamente ao texto literário, deve-se confrontá-lo com outras fontes que permitam uma contextualização da obra para percebê-lo na relação com outros textos coetâneos e, logo, entender suas variadas inserções e construções sociais. Vejamos no dizer de Ferreira,

O historiador deve ficar atento ao considerar os movimentos literários e as vanguardas artísticas que, ao legarem sua própria memória e versão dos embates culturais, promovem a auto consagração e criam marcos periodizadores estanques na história da literatura, subordinando seus significados históricos a uma visão unilateral. É nossa tarefa colocá-los à prova (FERREIRA, 2009, p. 75).

Nesses termos, metodologicamente falando, analisaremos o livro *Menino de Engenho*, destacando quais representações de Nordeste podem ser identificadas na obra de José Lins do Rego. Para melhor apresentar nosso trabalho, ele foi dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “José Lins do Rego: vida e formação” consiste em refletir sobre a vida e a formação de José Lins do Rego. Buscamos demonstrar a importância que a cidade do Recife teve na sua formação, a constituição de suas redes de amizade e a sua ida para a cidade de Maceió, onde aconteceu a sua efetivação como romancista do chamado romance de 1930. Nossa principal inquietação neste capítulo é perceber como se deu a formação de um intelectual nordestino a partir do seu lugar social<sup>3</sup>, mais particularmente um sujeito que percebia os seus alicerces serem substituídos pelo advento da modernidade. Um menino que habitou o interior dos engenhos nordestinos e, a partir desse fato, atribuiu a si a tarefa de, juntamente com outros intelectuais, constituir tradições para a região.

Buscamos compreender o período da vida de José Lins do Rego que circunda até a década de 1930. Para tanto, como tratamos com aspectos biográficos, não podemos esquecer que o seu lugar social está relacionado a produção de uma “escrita de si”, conceito trabalhando por Gomes (2002,) ou seja, muitos dos escritos de José Lins do Rego se referem a suas próprias lembranças da infância e juventude. Foi deste lugar que ele se construiu enquanto um intelectual nordestino.

---

<sup>3</sup> Pensamos o lugar social a partir das reflexões de Michel de Certeau (2000) quando nos aponta que o lugar social é construído historicamente e funciona ao mesmo tempo como uma possibilidade e como uma limitação, posto que é através dele que uma narrativa é pensada, construída e torna-se conhecida. Desta maneira, “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar social de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 2000, p. 66). Assim, o lugar social de José Lins do Rego é o de neto de senhor de engenho, herdeiro da sociedade patriarcal que corrobora em seus escritos para a ideia de decadência.

No segundo capítulo, intitulado “Os anos 1920 e 1930”, refletimos sobre as condições de possibilidade que permitiram o romance regionalista ganhar a conotação de denúncia social. Assim sendo, apresentaremos os principais acontecimentos que marcaram os anos de 1920 e o início dos anos de 1930, que contribuíram para as manifestações artísticas e para a tomada de consciência por parte dos intelectuais em relação à necessidade de apresentarem em seus escritos as condições sociais, políticas, econômicas e culturais de suas regiões. Naqueles anos, o cenário nacional vivenciava ainda uma reordenação dos muitos aspectos da vida política e econômica do Brasil, ocasionado pela crise do poder oligárquico na década de 1920, pela crise da produção cafeeira em 1929 e pela chamada “revolução de 1930”.

O ano de 1922, aglutinou uma sucessão de eventos que alteraram de maneira significativa o cenário político e cultural brasileiro. A Semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista Brasileiro, o movimento tenentista, a criação do Centro Dom Vital, a comemoração do centenário da Independência e a própria sucessão presidencial de 1922 foram elementos importantes dos novos rumos que estavam se aproximando, apontando para as questões culturais e políticas da Primeira República

E por fim, no terceiro capítulo, “As representações de Nordeste açucareiro”, voltamos nossa atenção para a análise dos escritos de José Lins do Rego, particularmente aqueles que foram produzidos junto ao Romance de 1930 e, notadamente, com ênfase nos engenhos nordestinos. Em especial, iremos nos deter na reflexão acerca das formas como José Lins apresentou e representou o Nordeste açucareiro no livro *Menino de engenho* (1932).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analizamos neste trabalho como José Lins do Rego representou o Nordeste em sua obra *Menino de Engenho*. Partimos do pressuposto de que o romancista paraibano dedicou parte de sua produção literária ao mundo do engenho. Após as discussões, podemos concluir que a formação do intelectual José Lins do Rego foi marcada por muitas redes de amizade, polêmicas, envolvimento na imprensa e pelo pensamento voltado para o regionalismo literário.

A trajetória de José Lins do Rego foi marcada por sua participação em periódicos regionais, fato que o tornou conhecido nos meios da imprensa. A sua opção por não se dedicar exclusivamente às letras Jurídicas, uma vez que se formara em

Ciências Jurídicas, propiciou que tivesse contato com vários outros tipos de escrita: ao mesmo tempo, havia um cronista, um romancista e um crítico literário.

A cidade do Recife foi o local onde José Lins do Rego começou a se formar intelectualmente. Estudou na Faculdade de Direito da cidade, estabeleceu laços de amizade com Osório Borba, José Américo de Almeida e Gilberto Freyre dentre outros; teve contato com as ideias do Movimento Regionalista e Tradicionalista e passou a divulgar a ideia de revalorização das tradições.

As manifestações literárias, culturais, sociais e políticas dos anos 1920 ocasionaram a revalorização dos elementos regionais, das tradições, daquilo que caracterizava cada região. No Nordeste, a presença de vários intelectuais provocou uma escrita cheia de sentimentos regionais e em José Lins do Rego, foi o medo da perda do seu espaço, que contribuiu para a que seus romances fossem marcados pela saudade e pelas memórias. Recife foi o ambiente em que José Lins do Rego viveu a efervescência das manifestações literárias.

## **REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras**

**artes**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana; São Paulo: Cortez. 2011.

\_\_\_\_\_. De amadores à Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. **Trajetos**, Fortaleza, v. 03, n. 06. p. 43-66, 2005.

\_\_\_\_\_. História e Literatura. In: \_\_\_\_\_. **História a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007. p.19-97.

\_\_\_\_\_. **Nos destinos de fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nordestino**: uma invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ARRAIS, Raimundo. **A capital da saudade**: destruição e reconstrução de Recife em Freyre, Bandeira, Cardoso e Austregésilo. Recife: Bagaço, 2006.

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.).

**O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 191-228.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB, 1984.

BARROS, Souza. **A década 20 em Pernambuco**: uma interpretação. Rio de Janeiro: Graf. Ed. Acadêmica, 1972.

- BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 181-191.
- BUENO, Luís. **Uma história do Romance de 30**. São Paulo: Editora da USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: Uma discussão conceitual. In: **Dados**, Rio de Janeiro, v 40, nº 2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-2581997000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-2581997000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08. mar. 2015.
- CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.
- CEBALLOS, Rodrigo. **Os “maus costumes” nordestinos: invenção e crise da identidade masculina no Recife (1910-1930)**. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2003.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: \_\_\_\_\_. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 65-109.
- CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo**. 2007. 211f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1990.
- \_\_\_\_\_. **As escritas do lugar**. Regiões e regionalismos em José Lins do Rego e Érico Veríssimo. 2012. 394f. Tese (Doutorado em Sociologia). - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- \_\_\_\_\_. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.
- COELHO, Elisa Domingues. **O romance secundário no decênio de 30**. 2010. 62f. Monografia. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.
- CORDEIRO, Maria de Fátima. **Pelos olhos do menino de engenho: os personagens negros na obra de José Lins do Rego**. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: CORRÊA, M. (Org.). **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- DECCA, Edgar Salvadori de. **1930: o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- FERREIRA, Antônio Celso. Literatura a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. PINTO, Surama Conde de Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 387-416.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; SARMENTO, Carlos Eduardo. A República brasileira: pactos e rupturas. In: GOMES, Ângela de Castro; PALDOLF, Dulce Chaves;

- ALBERTI, Verena (Orgs.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.
- FORTUNATO, Maria Lucinete. **Coronelismo e a imagem do coronel**: de símbolo a simulacro do poder local. 2000. 227f. Tese (Doutorado em História social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, São Paulo, 2000.
- FORTUNATO, Maria Lucinete. ANDRADE, Raquel Thomaz de. Narração histórica, narração literária: uma aproximação possível. **Saeculum** - Revista de História. João Pessoa, jan./ jun. 2009. p. 111-118.
- FREIRE, Diego José Fernandes. **Contando o passado, tecendo a saudade**: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego (1919-1943). 2014. 316f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2014.
- FREYRE, Gilberto. **O manifesto regionalista**. Recife: INPJM, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7.ed. São Paulo: Global, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de um prólogo. In: \_\_\_\_ (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. p. 7-23.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 9-23.
- LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 313-349.
- MICELI, Sérgio. **Poder, sexo e letras na República Velha**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco**. Recife: Imprensa Ed. Universitária, 1967. v. 3.
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Gritos de vida e de morte**: A construção da ideia de decadência do patriarcado rural nos discursos da primeira República. Dissertação (Mestrado em História) 1997. 155f – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, (Online) Debates**, Paris, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em: 21 nov. 2011.
- PONTES, Maria das Neves Alcântara de. O engenho e o menino de engenho de José Lins do Rego: perspectiva sócio-linguístico-cultural. **Graphos**, João Pessoa, dez. 2000, p. 81-94.
- RIBEIRO, Marília Andrés. O modernismo brasileiro: arte e política. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 115-125, jan./jun. 2007.
- SANTOS, Gladson de Oliveira. **José Lins do Rego e a modernização da economia açucareira nordestina**. 2010. 115f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2010.
- SOARES, Valter Guimarães. **História & literatura**: é possível sambar? Disponível em: <[http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_II/valter\\_guimaraes\\_soares.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/valter_guimaraes_soares.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2013.

SOUSA, Elri Bandeira. **Fogo Morto**: uma tragédia em três atos. 2010. 171f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Letras, Campina Grande, 2010.

SILVA, Simone. A “roda de Maceió” e o projeto regionalista: uma perspectiva etnográfica das disputas corridas no mundo do livro dos anos 1930. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 2, jul./dez, 2011, p. 91 – 107.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a. p. 351-385.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e a política do Estado Novo. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b. p. 147-177.

VIVIANE, Fabrícia Carla. **A trajetória política tenentista enquanto processo**: do Forte de Copacabana ao Clube 3 de Outubro (1922-1932). 2009. 202f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em Ciência Política, São Paulo, 2009.